

2003/10/11

O Eixo

António Borges de Carvalho

1. No dia 6 deste mês, o obscuro senhor Rafarin encontrou-se em Moscovo com o seu não menos obscuro colega russo. Muitas declarações, subscrição de vários acordos mais ou menos irrelevantes, o costume. Nada de importante, dir-se-ia. No entanto, num discurso largamente difundido pelos media franceses, o senhor Rafarin teve a oportunidade de sublinhar a importância e a relevância futura daquilo a que chamou “eixo Paris-Berlim-Moscovo”. Digamos que o discurso do PM francês contribui, e muito, para fazer cair a máscara de cooperação e de “ideal europeu” que, noutras ocasiões, cobre a verdadeira face da política francesa. Para quem, a tal respeito, ainda tenha ilusões, recomenda-se a leitura, na íntegra, da peça oratória do senhor. Se, no fim da leitura, ilusões ainda ficarem, estaremos perante um fenómeno de clubismo, não perante uma análise política digna desse nome. Para mais, trata-se, não da política do governo Rafarin, mas da política francesa tout court, já que o PS francês encara com bonomia, compreensão e apoio a política externa e de defesa da direita. A pertença ao “eixo”, por parte dos alemães, não terá a mesma importância: Schroeder está no fim, e os seus opositores não alinham pelos mesmos diapasões nem são tão sensíveis a juízos de oportunidade de curto prazo. O que, de certa forma, até pode convir aos franceses. Os líderes europeus em geral já perceberam que, sem alijar a ligação transatlântica, em matéria de política externa e de defesa, ou se constituem em potência sendo essa potência o conjunto de todos eles sem hegemonias individuais, não o somatório de uns e outros sob a batuta de algum, ou perdem o comboio do futuro. Todos o sabem, mas ninguém sabe como, quando, ou o que fazer. Para já, têm a entretenha da “Constituição”, que de constituição pouco tem mas que os faz gastar tempo em discussões tidas por importantíssimas. E não percebem que, enquanto andam para trás e para diante a discutir mais voto menos voto, outros, à sua revelia, fabricam “eixos”, esquemas de futuro que nada têm a ver, bem pelo contrário, com a construção de uma PESC digna de tal nome. Para os franceses, a construção europeia confunde-se com a afirmação da sua hegemonia na Europa. O fim da guerra-fria e o unilateralismo da administração Bush oferecem-lhes, pensam eles, a ocasião ideal para isso. E, para o caso de não conseguirem vir a ser os donos do Directório, ou do inner circle, ou do que raio for, tratam, a seu tempo, de construir, ou reconstruir, alianças e esquemas que os possam recolocar, por outros caminhos, na posição de domínio que há séculos acham devia ser a sua. É preciso estar a pau com o novo eixo. Todos sabemos que os eixos, as mais das vezes, andam fora dos eixos.

2. Como por encanto, três dias depois do seu colega gaulês, o senhor Schröder, talvez na sua qualidade de membro do “eixo”, encontrou-se com o senhor Putin em Ekaterinburg. Consta que, para além de o senhor Putin ter, generosamente, oferecido os seus préstimos para vender petróleo em Euros (grande favor!), a Rússia e a Alemanha deram “passos importantes” para a “liberdade de circulação de pessoas entre a Rússia e a Europa”. Repare-se que não trataram de tal liberdade entre a Rússia e a Alemanha, o que quer dizer que o senhor Schröder se sente, como membro do “eixo”, no direito de falar em nome da “Europa”! Calcule-se o que acontecerá ao espaço Schengen quando os alemães começarem a dar vistos a todos os russos que lhes peçam! Mais: disse o senhor Putin que o seu objectivo é acabar com os vistos entre a “Europa” e a Rússia, a fim de “juntar” os dois “blocos”. Conclui-se que não é só o chanceler que se sente no direito de falar em nome da Europa, é o presidente Russo que, ao falar com ele, se sente a falar com ela. Resta saber o que terão o senhor Solana e o senhor Patten a dizer a isto. Verdade é que dizem demenos, sendo certo que devem aos cidadãos um pouco mais de frontalidade. É interessante verificar, por exemplo, que tanto Schröder como Rafarin, ao mesmo tempo que se arrogam uma representação que não lhes cabe, se abstém, à revelia da política da Comissão, do Conselho e do Parlamento europeus, de tecer qualquer comentário sobre o estranho fenómeno eleitoral a que a Europa (a verdadeira) assistiu na Chechénia. Acrescente-se que o senhor Putin, por seu lado, não esteve com delicadezas: acusou a Europa (a verdadeira) de “desonestidade”, classificando-a como bando de “burocratas” que não entendem que a Rússia, só porque esta, não se conformando com critérios válidos para os demais, é impedida de entrar para a OMC. Se considerarmos que as potências ocidentais do “eixo” já fizeram saber que usarão “todo o seu peso” para facilitar a entrada da Rússia na organização, teremos um quadro (quase) completo sobre a sinceridade do empenhamento destes senhores no a(pro)fundamento da UE.

3. Sei que estas considerações, talvez demasiado factuais, não terão, pelo menos directamente, a ver com os temas próprios do “Jornal de Defesa”. Mas, se considerarmos a forma “específica” como os membros ocidentais do “eixo” abordam a problemática da defesa e da segurança na Europa, e a compaginarmos com os acontecimentos aqui referidos, talvez possamos compreender melhor como é importante que as delicadezas diplomáticas dêem lugar a uma maior frontalidade, isto se não quisermos que seja tarde demais quando percebermos que o rei vai nu.